

O ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO NO BRASIL, SEUS PROBLEMAS E IMPASSES

Paulo César de OLIVEIRA*

ESTEVES, A. R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2010.

Toda pesquisa extensa, especialmente aquela que recorta um período histórico muito longo ou um amplo número de autores, incorre sempre em um risco, especialmente quanto ao olhar crítico dos resenhistas: esse ou aquele autor que ficou de fora, essa ou aquela obra que se desvia da seleção proposta etc. No caso desta resenha, ainda que presos a esse olhar, procuramos estabelecer dois patamares de leitura acerca da importante contribuição de Antônio R. Esteves para os estudos literários, especialmente no que diz respeito à questão do romance histórico brasileiro contemporâneo. No primeiro patamar, deparamos com a excelente pesquisa e a leitura atenta de obras ficcionais recentes e o que o autor depreende dessas pesquisas; no segundo, a questão teórica, a envolver a sempre problemática relação entre história, teoria e ficção.

Já nos “Agradecimentos”, o autor nos informa ser *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)* resultado de um projeto de pesquisa de mais fôlego do que o livro ora apresentado. Dividido em quatro grandes capítulos, além de um “Prefácio” e uma “Conclusão”, o trabalho é um grande panorama do romance histórico brasileiro na contemporaneidade, mas não se limita a esse período histórico de difícil definição. Quanto a isso, louve-se a inclusão de três anexos, divididos por ano de publicação (Anexo 1); por autor (Anexo 2) e por título (Anexo 3), recortando o período compreendido de 1949 a 2000. A preocupação em organizar os dados de forma a facilitar e contemplar futuros pesquisadores é um cuidado a mais do ensaísta. A excelente disposição do material analisado é uma das forças do livro.

Esteves opta por uma visão não cronológica do romance histórico, e, ao apontar a variedade dessa produção, propõe uma leitura temática, embora não descarte a visão diacrônica. No primeiro, Esteves traça uma didática e breve trajetória do romance histórico brasileiro, desde as primeiras manifestações literárias na colônia

* UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores – Departamento de Letras. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 24435-005 – paulo.centrorio@uol.com.br

aos dias de hoje (ESTEVES, 2010, p.43-62). No item seguinte, analisa aspectos gerais do romance histórico brasileiro contemporâneo (ESTEVES, 2010, p.62-71). Tais panoramas auxiliam os pesquisadores e leitores neófitos, situando-os na proposta do autor, a de analisar o romance histórico brasileiro atual por meio de algumas linhas de força, as quais destacaremos.

No segundo capítulo do livro, Esteves entende que a partir da década de 1970 haverá uma ruptura dos romances então produzidos em relação ao modelo tradicional do romance histórico. Com base na leitura da obra de Seymour Menton, *La nueva novela histórica de la America Latina, 1979-1992*, Esteves inclui essas narrativas na categoria de “novo romance histórico”, ou seja: são obras que possuem características marcantes, dentre elas uma concepção filosófica de que seria “praticamente impossível captar a verdade histórica ou a realidade”; “a distorção consciente da história”; “a ficcionalização de personagens históricos bem conhecidos”: “a utilização da metaficção”; e uma intertextualidade que “atua nos mais diversos níveis”, conforme os conceitos bakhtinianos de dialogismo, carnavalização, heteroglossia e paródia (ESTEVES, 2010, p.38). Esteves investiga as obras *Galvez, imperador do Acre*, de Márcio Souza; *Em liberdade*, de Silviano Santiago; *Catatau*, de Paulo Leminski; *Calvários e porres do pingente Afonso Henriques de Lima*, de João Antônio; e o conto “H. M. S. Cormorant em Paranaguá”, de Rubem Fonseca, constante da coletânea de contos *O cobrador*. Esses títulos formam um conjunto representativo do que Esteves chama de “instauradores de uma nova modalidade narrativa” (ESTEVES, 2010, p.75). O autor se concentra nas teorias da carnavalização e no conceito de plurissignificação e as obras escolhidas dialogam entre si por meio do que ele chama de “recriação inovadora, no plano formal”. O que Esteves aponta como característica marcante do romance *Em liberdade*, de Silviano Santiago, vale ainda para as outras obras citadas, agrupadas sob a rubrica de “metaficção historiográfica”, de Linda Hutcheon, e de “novo romance histórico”, conforme Seymour Menton: todas se valem “[...] da intertextualidade, da paródia e da carnavalização como formas de corroer pontos de vista preestabelecidos, abrindo a possibilidade para múltiplas leituras e consequentemente para a plurissignificação.” (ESTEVES, 2010, p.115).

O terceiro capítulo se concentra em obras agrupadas por um tema comum: “todos trazem escritores como protagonistas” e “[...] sua leitura permite traçar um panorama da literatura brasileira esboçado pela própria literatura.” (ESTEVES, 2010, p.71). A dezena de romances, publicados entre 1989 e 2002, coincide com o período de transição democrática e, segundo Esteves, caracterizam-se por uma profusão de vozes periféricas e dissonantes, pela reivindicação de algumas minorias e por algum regionalismo. Outra característica marcante desse conjunto de romances é a tentativa de humanizar escritores “considerados monumentos literários” (ESTEVES, 2010, p. 72). Destacam-se na análise do autor importantes romances

históricos contemporâneos: *Os rios turvos* (1993) de Luzilá Gonçalves Ferreira, e *O primeiro brasileiro* (1995) de Gilberto Vilar, sendo a primeira narrativa com foco na esposa de Bento Teixeira e a segunda, na biografia do autor de *Prosopopeia*. Desse grupo de romances, talvez o mais destacado, pelo sucesso comercial à época, seja *Boca do inferno*, de Ana Miranda. Essa obra é das mais importantes na espécie literária da biografia ficcional, apresentando “painel histórico ricamente elaborado”, “trama policial que dá agilidade ao romance”, tendo como protagonistas explícitos “o poeta Gregório de Matos Guerra e o padre Vieira”, “os grandes intertextos do romance” (ESTEVES, 2010, p.129). Ana Miranda, vale destacar, é autora de uma série quase ininterrupta de romances históricos, metaficções historiográficas que recuperam não somente protagonistas da história oficial, mas também os não contemplados pelo olho da história hegemônica. Esteves aponta, ainda, a “introdução do olhar feminino” (ESTEVES, 2010, p. 133), aprofundado em obras como *Desmundo*, pelo qual Miranda desconstrói o discurso da história oficial e se identifica com as margens negligenciadas.

O último capítulo apresenta a terceira linha de força temática, composta de “[...] um mosaico de leituras de romances históricos que abordam variado conjunto de escritores, protagonistas e pontos de vista.” (ESTEVES, 2010, p. 72). Esteves critica o protagonismo dos vencedores na formação histórica de nossa literatura, e sua revisão crítica se dá na leitura dos romances *Viva o povo brasileiro* (1984) de João Ubaldo Ribeiro, e *Ana em Veneza* de João Silvério Trevisan. Ambos os romances discutem a centralidade europeia na cultura brasileira, fruto da colonização, o que o leva a problematizar as tensões entre uma cultura periférica em face da outra, hegemônica. Retornam as questões de identidade, nação, invenção, representação do imaginário nacional, dentre outras que orbitam esse universo.

O autor atrela aos temas aludidos duas questões importantes. A primeira diz respeito ao ponto de vista feminino e ao papel das escritoras na ficção histórica contemporânea. A segunda trata da memória, por vezes promovendo o que chamará de deliberado “esquecimento” (ESTEVES, 2010, p.73), apagando “da lembrança situações constrangedoras”, como o massacre dos índios, a escravidão negra e as violentas repressões às minorias. Em outros momentos, a memória cumpre o papel de resgatar essas minorias, denunciando a violência sofrida por povos, nações e segmentos sociais. A memória é uma poderosa aliada da revisão histórica, o que romances como *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum, atestam. Desse modo, os subitens “Mulheres contam história de mulheres” (ESTEVES, 2010, p.188-215) e “A ferrovia Madeira-Mamoré pelo romance histórico” (ESTEVES, 2010, p.215-230) são momentos destacados na análise crítica do papel do romance histórico contemporâneo no conjunto da reflexão política e social no Brasil.

Por conta de suas escolhas recaírem na análise ampla de uma parcela bastante representativa da produção ficcional brasileira contemporânea, o livro de Esteves

carece de maior abertura ao debate teórico, o que, como veremos, não é um demérito, mas resultado de uma escolha. A tentativa de encontrar características gerais e padrões em um ambiente crítico no qual predomina a descontinuidade – a que o próprio Esteves alude – não é de todo convincente, mas o autor resolve o impasse quando mostra haver “narrações que apontam para todas as direções”, cabendo “[...] ao leitor, dentro do pacto da leitura imposto pela obra, construir suas verdades particulares e desconstruir as verdades alheias que não lhe convencem. Ou que não lhe convêm.” (ESTEVES, 2010, p.69).

Ainda em relação às questões eminentemente teóricas, o conceito de pós-modernidade e contemporaneidade de Esteves precisa ser estendido, ou mesmo ser mais bem desenvolvido. Adotar uma atitude crítica perante a história; reinterpretar o fato histórico, utilizando para isso as mais variadas técnicas de que o gênero narrativo dispõe; colocar lado a lado personagens históricos e ficcionais; romper com as formas narrativas tradicionais de tempo e espaço, dentre outras questões apontadas por Esteves para caracterizar a narrativa na pós-modernidade podem se estender a outras épocas, e com bastante tranquilidade. Aqui, encontramos o ponto essencial dos questionamentos teóricos acerca da ficção brasileira contemporânea: faz-se necessária uma teoria da ficção que dê conta dos processos narrativos de hoje. Essa problemática não é nova e já foi estudada por Luiz Costa Lima (2006, p.20) em *História. Ficção. Literatura*, quando o crítico aponta, em relação à obra de Hayden White, a necessidade de entender que “[...] o hiato decisivo não se dá entre o evento e o seu registro, mas sim entre o que motivou o evento e sua formulação verbal.” Lima aponta ainda “a participação ativa da subjetividade” em um terreno no qual “[...] a realidade é então constituída de regras diferenciadas, que comandam nossa relação com os “territórios” componentes dessa *fringe*.” (LIMA, 2006, p.24). Resulta daí a proposta de Lima (2010, p.16): minimizar ao máximo “[...] a carência de uma reflexão comparativo-contrastiva entre poesia e história.” *História. Ficção. Literatura* é obra fundamental, e é de lamentar que Esteves não a tenha cotejado, ou não tenha tido tempo hábil para incorporá-la às suas reflexões.

Mas não se deve criticar uma obra pelo que ela não propõe. O competente trabalho de Esteves conjuga-se ao igualmente importante *Ficção brasileira contemporânea*, de Karl Erik Schollhammer (2009). Ambos se revelam contribuições especiais para os estudos de romances contemporâneos e não apenas os que privilegiam a mirada histórica. De leitura atraente, sem perder o brilho da erudição, ao mesmo tempo em que mantém um agradável tom coloquial, Antônio R. Esteves nos entrega um trabalho de fôlego, de que iremos ouvir (e dele nos valer) por muito tempo.

Referências

LIMA, L. C. **História. Ficção. Literatura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SCHOLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

Recebido em: 24/01/2012

Aceito em: 18/12/2012